



DIRETO DA
REITORIA
POR PAULO CARDIM

Educação & inovações: educando e educador

17/06/2019 - Em [Artigos](#)

Blog da Reitoria nº 396, 17 de junho de 2019

Por Prof. Paulo Cardim

**“Ensinar exige rigorosidade metódica” (Paulo Freire)
“Avaliar também” (Paulo Cardim)**

A qualidade e as inovações no processo educacional, em todos os níveis, são indispensáveis para a geração digital. Esse reconhecimento é quase universal. As dificuldades começam a surgir no “como” fazer. As metodologias ativas surgem como um dos caminhos mais viáveis para a modernização do processo de aprendizagem, tendo o educando no centro, o ator principal. Por outro lado, o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação aparece como instrumento de apoio mais do que necessário para esse empreendimento. Mas o principal é o capital humano envolvido em todo o processo educacional, tendo como atores centrais o educando e o educador.

Sei que muitos professores não se incluem na categoria de educadores. Esta função, segundo alguns, é compromisso da família. Mas como desligar do professor a função de educador? Não estou falando dos militantes políticos que, de forma fascista e staliniana, catequizam seus alunos para a militância da balbúrdia. Querem transformar a desordem barulhenta, algazarra, tumulto... em protestos políticos.

O professor, em sua nobre atividade docente, jamais deixa de ser educador. Mesmo que não aceite essa função. Ainda no processo educacional em que o educando é o centro da aprendizagem, a atuação do professor como orientador, curador é essencial, peça fundamental nessa complexa engrenagem.

Mas existe o professor instrutor. É aquele que ministra a sua aula de matemática, por exemplo, seguindo rigorosamente o seu plano de ensino, ano após ano. Não se interessa pelo educando que, para ele, é apenas um número na lista de presença. Geralmente é um disciplinador, acima de qualquer outra função educacional.

O professor educador é aquele que, além de seguir, rigorosamente, o seu plano de ensino, vê e lida, com habilidade ímpar, a individualidade do educando, um ser humano igual a ele, ávido de conhecimento, de desenvolver competências e habilidades que lhe confirmam o conhecimento necessário para o exercício de sua cidadania e da profissão escolhida.

O professor pode abdicar da sua função de educador. É um direito seu. Todavia, destrói, com sua atitude, a nobreza do processo educacional e ignora os quatro pilares da educação, apontados pela Unesco, em 1998, no congresso de Paris, para a educação do século XXI, fonte de conhecimento que não me canso de reler e refletir (Educação – Um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, Unesco, 2006).

A título de exemplo, posso enumerar dois dos quatro pilares da educação para o século XXI: Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros e Aprender a ser. Como desenvolver o “aprender a viver juntos” e o “aprender a ser” sem educar. A simples instrução aqui é nula.

Como desenvolver a consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos sem o conhecimento do educando, da sua cultura, de sua espiritualidade, sem educar?

Como “aprender a ser” sem a educação integral, que contribui para o desenvolvimento total do educando – “espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”?

Sei que a educação dos valores e da ética é tarefa inexorável dos pais, mas quando os pais não existem mais, são omissos ou não têm tempo para o exercício da nobre tarefa de educar, os professores podem e devem ser educadores. A educação escolar, acadêmica não se confina em “ensinar”. Isso, em tempos das tecnologias digitais da informação e da comunicação, pode ser terceirizado. Não a educação.

Parodiando o educador, filósofo e escritor Rubem Alves vou além. A educação “que não seja meio para a felicidade é como panela importada que faz angu encaroçado. É melhor parar de importar panelas. É preciso desenvolver, antes, a capacidade de sentir prazer [...]. Menos saber e mais sabor” ... (Conversas com quem gosta de ensinar. Campinas-SP: Papirus, 2000, p. 135).

Recorro, ao finalizar, a mais um dos ensinamentos de Rubem Alves (A alegria de ensinar. Campinas-SP: Papirus, 2012, p. 13):

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntados sobre sua profissão, os professores deveriam ter a coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria...”. Mas, é claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração...

Educando e educador: dois entes comprometidos com a educação integral.

“É mais fácil governar um povo culto, cioso de suas prerrogativas e direitos, que tem nítida a compreensão de seus deveres, que um povo ignaro, indócil, sem iniciativa e inimigo do progresso”.

“O papel da instrução é preparar e formar homens capazes e úteis à sociedade; o papel do governo é fornecer meios fáceis de se adquirir a instrução, disseminando escolas e patrocinando iniciativas boas confiadas à competência e ao amor de quem promove tão nobilitante tarefa”.

Prof. Carlos Alberto Gomes Cardim

Diretor da Escola Normal Caetano de Campos

Educador e Inspetor de Alunos, 1909

Irmão do fundador do

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Pedro Augusto Gomes Cardim